

Surpresa impressentida

Villas-Bôas Corrêa

A eleição presidencial, no primeiro turno, a 15 de novembro, com todo o jeito de classificatório, está a menos de seis meses.



Pode parecer muito tempo mas, não é não. A campanha de verdade não começou, emperrada pela indefinição de candidaturas e partidos, pela instabilidade do quadro partidário e à espera de que a televisão e o rádio nela entrem para valer, promovendo rodadas de debates entre os favoritos das pesquisas ou amiudando entrevistas com os mais cotados. Mas o rádio e a TV também parecem peados, como que aguardando estímulos não se sabe de quem ou de onde ou, talvez, preferindo esperar os 60 dias de participação compulsória, nos horários de propaganda gratuita garantidos pela legislação.

Esta será uma eleição diferente em tudo e por tudo. Com regras inovadoras, como a exigência da maioria absoluta, indicando a probabilidade dos dois turnos; a virtual dissolução dos partidos e a conseqüente libertação do eleitorado, que se soltou e tateia à procura dos caminhos da redenção das suas esperanças. O eleitorado mudou-se para as cidades, urbanizando-se em mais de 70%, saltou dos 15 milhões de 60 — da última eleição direta — para prováveis 82 a 84 milhões.

Tudo isso é exato e aconselha cuidados especiais nas especulações amarradas às referências disponíveis mas duvidosas, com ar de coisa velha, de peça mofada, de conversa de um tempo engolido por outra realidade.

São os dados possíveis e que podem ser invocados pelos que, com a credibilidade das rugas e dos cabelos grisalhos, retiram do fundo da memória as lições da experiência.

Ora, pelo menos nas sucessões presidenciais de 45 para cá, depois da derrubada da ditadura do Estado Novo, a seis meses das urnas já se antevia o provável vitorioso ou se reconheciam os dois favoritos destacados. Mesmo em 45, a ilusão que cegou a classe média na certeza inabalável da vitória do Brigadeiro Eduardo Gomes, — forjada nas equivocadas evidências das comparações do entusiasmo e presença dos comícios, na reação das ruas —, começou a ser desfeita e explicada na véspera, quando se anunciou o apoio de Getúlio Vargas a Dutra, com a simultânea e arrasadora intriga dos *marmiteiros*.

A volta de Vargas, em 50, antecipou-se na fabulosa adesão popular, passando como trator sobre os frágeis compromissos do PSD com seu candidato de fachada, o mineiro Cristiano Machado.

Juscelino Kubitschek, 55, ganhou apertado eleição disputada, brigando contra Adhemar de Barros e o Brigadeiro Eduardo Gomes —, em bis teimoso, encaixado em seriado de erros que mudou os rumos políticos do país.

O Jânio Quadros de 60 não lembra em nada, — da alquebrada aparência de ancião ao carisma de estrela

em ascensão fulgurante e irresistível — o candidato de pires na mão, mendigando legenda e apoio para a realização do projeto pessoal de resgate da biografia, manchada pela fracassada renúncia golpista.

Seis meses costumam esboçar o desenho da sucessão, ainda que oferecendo alternativas.

E agora? O desenvolvimento e credibilidade das pesquisas ajudam a seguir a trajetória das pretensões.

Pode ser que muitas surpresas ainda estejam embrulhadas no amanhã. Mas não parece.

Costuma-se estruturar as tentativas de avaliação a partir da linha ideológica que aparta os candidatos centristas dos concorrentes com matrícula à esquerda.

Da banda de Lula e Brizola, a novidade é a inversão do favoritismo. Lula parecia proposta mais nova, com suporte em esquema que assentava no PT de ativa militância, na Igreja progressista e na CUT. Brizola ampara-se na bengala do PDT e na celebrada habilidade no manejo de câmeras e microfones. Pois a roda virou. O radicalismo está destroçando a candidatura de Lula, espantando a classe média com o grevismo desvairado e em escalada de violência.

Mas, e o centro? Os grandes partidos pifaram. O PMDB alinhou curioso roteiro que principiou por desmoralizar seu candidato natural e histórico para depois acomodar-se à sombra magra da candidatura do doutor Ulysses Guimarães, com Waldir Pires de contrapeso, ditando regras, vetando apoio, distribuindo senhas para o palanque dos comícios.

O PFL opera o milagre de desmoralizar a eleição prévia de mais de meio milhão de filiados para a escolha do candidato, desqualificando-o para o nível de jogo de capoeira que ameaça terminar em baderna e cisão.

Das legendas nanicas não há muito o que esperar. Os projetos de candidatos não vingaram ou as siglas se desmerecem, ofertando-se em lei-lão.

No meio de tal balbúrdia, com o centro perdido e a esquerda dividida, infiltrou-se o fenômeno Collor de Mello. Custou levá-lo a sério. Nada parecia sustentá-lo com firmeza de estacas fincadas em partidos ou em notória popularidade.

Mas, avançando no vazio, brandindo sua espada de papelão das escaramuças contra os *marajás*, jactando-se de demissões em massa, disparou nas pesquisas e sustenta impressionante batida ascendente.

Já não se discute se deve ou não ser considerado candidato com resistência para classificar-se no primeiro turno. O desafio que intriga os incrédulos é adivinhar, identificar por entre as brumas da campanha, de onde poderá emergir a nova surpresa que desaloje Collor do favoritismo que se amplia, alcançando dimensão nacional.

Que legenda, que candidato, acumula fôlego, em esconderijo desconhecido, para atropelar Collor na reta final de menos de seis meses? Ou Collor já é surpresa emplacada, com lugar cativo no enredo da sucessão que desvendou seus segredos mais cedo do que se esperava?